

RAMOS, Paulo. **Tiras livres**: um novo gênero dos quadrinhos. Série Quiosque, 32. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014. 80p.

Alex Caldas Simões¹

O termo *tira livre* foi utilizado pela primeira vez em 2008, pelos pesquisadores argentinos Hernán Martignone e Mariano Prunes. Ele foi utilizado para indicar uma tira cômica que poderia ou não ter personagens fixos, que poderia ou não terminar sua narrativa com humor. De longe, a *tira livre* figurava o que significa hoje para as ciências da linguagem, que tem como objeto de estudo e investigação os quadrinhos. Hoje, o termo foi (bem)(re)significado. No Brasil, o termo ficou conhecido pelas pesquisas de Paulo Ramos (Prof. Dr. Da UNIFESP), mais especialmente pela publicação de *Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos*, publicado em 2014, pela editora paraibana Marca de Fantasia – a obra que resenhamos aqui. Em tom jornalístico-acadêmico, o livro reúne as últimas pesquisas do autor sobre o tema e (re)apresenta indagações sobre a *tira livre*. A obra se destina a entusiastas dos quadrinhos e pesquisadores de HQ, iniciantes ou experientes.

Tiras Livres é um ensaio aberto sobre o tema. O livro apresenta um novo gênero do discurso, a chamada tira livre – um dos gêneros de tiras, tal como a tira cômica. A obra é dividida em seis capítulos: (1) *Desejo de mudança*; (2) *Experimentalismo gráfico*; (3) *(Hiper)Gênero e quadrinhos*; (4) *Gêneros de tiras*; (5) *Consolidação do novo gênero*; e (6) *Tiras Livres*. Para quem conhece as pesquisas de Ramos, o conteúdo teórico dos capítulos do livro não é novo, mas – como ele mesmo afirma – há um aprofundamento de questões há muito tempo suscitadas e ainda não amplamente debatidas.

Os primeiros capítulos da obra – capítulo 1 e 2 – enfatizam o surgimento da *tira livre*. Foi em 2005, nas mãos de Laerte Coutinho, que o gênero começou a circular nos jornais brasileiros. Há curiosas entrevistas com o quadrinista de *Piratas do Tietê*. Percebemos, logo de início, que foi a morte de seu filho, no fatídico ano de 2005, que levou o artista a (re)pensar o seu estilo de fazer quadrinhos, e se aproximar da tônica de humor que produzia quando tinha 17 anos: “algo bastante livre, indagativo, experimental, porra-louca.” (CANÔNICO, 2007, p. E1, *apud* RAMOS, 2014, p. 10). Esse novo humor em tiras se dá “em uma lufada só”, com ausência de humor, esse aproxima do modo de produção dos poemas ou das crônicas. Ramos (2014, p. 7) defende a tese de que esse é um novo gênero de texto, “um gênero próprio”, uma nova forma de

¹ Professor universitário e pesquisador das ciências da linguagem. Licenciado em Língua Portuguesa (UFOP). Bacharel em Estudos Lingüísticos (UFOP). Mestre em Letras (UFV). Doutorando em Língua Portuguesa (UERJ).

produzir humor, que, por sua plasticidade e experimentação gráfica, por vezes não foi bem compreendida por jornais e leitores, mas que constitui-se hoje em um novo (e rico) objeto de pesquisas.

Os capítulos 3 e 4 apresentam o aporte teórico utilizado por Ramos em suas análises. Já há algum tempo, o pesquisador tem considerado os quadrinhos como um *hipergênero*, aos moldes de Maingueneau². Asseções abordam, de forma bem clara e pontual, principalmente em relação as suas obras anteriores, os motivos que levaram o autor a adotar tal referencial; o mesmo ocorre quando ele justifica a necessária articulação dos conceitos de *hipergênero* de Maingueneau, com os referências de estudos de gêneros de Bakhtin e da Nova Retórica. De fato, Ramos (2014, p. 33) indica uma tendência nos estudos de gêneros do discurso: “[h]oje, a tendência se volta ao “relativamente”, ao aspecto maleável e não rígido dos gêneros numa situação sociocomunicativa.” É dessa instabilidade, portanto, que surge a possibilidade da estabilização de um novo gênero de texto, tal como a tira livre postulada, ou ainda a tira de homenagem, citada brevemente.

Por fim, os capítulos 5 e 6, apresentam algumas das características desse *novo gênero de tiras em ascensão, a tira livre*: uma nova tira publicadas no país onde “há, de fato, uma liberdade nos temas e na abordagem, algo que as distingue do que vinha sendo feito então e que torna tais criações singulares, inclusive em termos de gêneros.” (RAMOS, 2014, p. 67-68). É claramente delineado por Ramos (2014, p. 24) a “liberdade temática, estilística e de interpretação” das tiras livres; juntamente com a diversidade (e variedade) de artistas que a produzem.

Tiras Livres é resultado de uma reflexão pioneira, séria e profunda sobre os quadrinhos. Há nessa obra o delineamento das principais teses de Ramos, advindas de suas pesquisas de doutorado e também de seus interesses mais recentes. Ainda que o conceito de hipergênero trabalhado pelo autor, nessa e em outras obras, possa se sobrepor ao conceito de suporte, as escolhas teóricas do autor são coerentes com o que se propõe realizar, o que valida a nossa recomendação da obra a todos os interessados no assunto.

Recebido em: 27/02/2016. Aceito em: 17/05/2016.

²Em nosso entendimento, o conceito de hipergênero parece se sobrepor ao conceito de suporte, o que inviabiliza a realização de futuras pesquisas sobre a relação gênero-suporte ou suporte-gênero. A definição de quadrinhos de Ramos também inviabiliza a investigação de gêneros não-narrativos, tais como a caricatura e o cartum.